

AS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Adriana de Araújo Lima

Universidade Federal Rural de Pernambuco - Unidade Acadêmica de Garanhuns
adrianaaraujolina2@gmail.com

Michele Deodato de Araújo

Universidade Federal Rural de Pernambuco - Unidade Acadêmica de Garanhuns
deodatomichele.54@gmail.com

Resumo: Consideramos que as práticas de leitura e escrita na Educação Infantil devem proporcionar a criança experiências lúdicas e interativas que lhes permita compreender, as funções da língua escrita. O referido artigo propõe uma análise sobre as concepções que embasam as práticas de leitura e escrita utilizadas na Educação Infantil, por meio de observação participante e entrevista semiestruturada. Este estudo é oriundo de pesquisas bibliográficas realizadas no decorrer da disciplina de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa I e das visitas de campo realizadas numa instituição referência em Educação Infantil localizada no município de Garanhuns-PE, em decorrência da disciplina de Estágio Curricular I, do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - Unidade Acadêmica de Garanhuns. Constatamos durante a pesquisa práticas de leituras e escrita na Educação Infantil que valorizam o conhecimento prévio das crianças sobre a linguagem escrita e que proporcionam as crianças o contato com diferentes gêneros textuais e estruturas gramaticais diferenciadas que podem servir de base para o desenvolvimento de habilidades necessárias para a compreensão da leitura.

Palavras-chave: Educação Infantil. Práticas de Leitura e Escrita. Consciência Fonológica.

PRACTICE OF READING AND WRITING IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Abstract: We believe that the reading and writing practices in early childhood education should provide the child playful and interactive experiences that allow them to understand written language functions. The related article proposes an analysis of the conceptions that support the reading and writing practices used in kindergarten through participant observation and semi-structured interview. This study is from literature searches conducted during the Methodology discipline of Portuguese Language Teaching I and field visits an institution reference in Early Childhood Education located in Garanhuns-PE municipality, due to the Curriculum Stage I discipline, Bachelor's Degree in Education from the Federal Rural University of Pernambuco - Academic Unit of Garanhuns. We found during the practical research of reading and writing in kindergarten who value prior knowledge of children about the written language and provide children contact with different genres and different grammatical structures that can serve as a basis for the development of skills needed to reading comprehension.

Keywords: Childhood education. Practice Reading and Writing. Phonological awareness.

INTRODUÇÃO

Os estudos de Ferreiro et al (1985) trouxeram novas concepções sobre o desenvolvimento da linguagem escrita. A partir desses estudos, compreendemos que existem algumas fases que a criança vivência durante o processo de aquisição da linguagem escrita, assim como alguns fatores que podem influenciar os avanços ou retrocessos nesse processo. De acordo com Ferreiro et al (1985) crianças, a partir de quatro anos, já apresentam produções espontâneas que representam suas interpretações de como deveriam escrever certas palavras.

Isso indica que as crianças dessa faixa etária já exploram o mundo da escrita e pensam ativamente sobre ela, esses conhecimentos prévios que a criança traz ao ingressar no ambiente escolar não podem ser ignorados. Nesse sentido, é importante que na Educação Infantil, a criança seja envolvida em situações relacionadas ao seu cotidiano, que possa explorar as relações entre a utilização do sistema escrito com a organização do mundo em que vive.

A aprendizagem da língua escrita ocorre de diversas maneiras e a todo instante, por isso, não pode ser padronizada nem prevista para uma determinada etapa escolar. O processo de desenvolvimento da linguagem oral e escrita é iniciado a partir do momento em que a criança tem oportunidades de refletir a respeito da língua escrita e do seu modo de representação.

Oliveira, afirma que o processo de apropriação do sistema de escrita alfabético é contínuo e se inicia bem antes da criança entrar na escola:

[...] Como a escrita é uma função culturalmente mediada, a criança que se desenvolve numa cultura letrada está exposta aos diferentes usos da linguagem escrita e a seu formato, tendo diferentes concepções a respeito desse objeto cultural ao longo de seu desenvolvimento (OLIVEIRA, 2004, p. 68).

As práticas da linguagem escrita na Educação Infantil que acontecem por meio de atividades de memorização com exercícios de prontidão, desconsideram as capacidades cognitivas da criança como um sujeito ativo, que aprende ao interagir com o meio social em que está inserido na construção do conhecimento (FERREIRO, 1985). Assim, a escola deve garantir, desde cedo, que as crianças se apropriem do sistema de escrita alfabético, mas essa apropriação não deve acontecer priorizando a memorização de sílabas e/ou palavras e/ou

frases soltas. É preciso o desenvolvimento de um trabalho sistemático de reflexão sobre as características do nosso sistema de escrita alfabético. Isso pode ser realizado ao propor situações didáticas em que a criança seja estimulada a interagir com a língua escrita através de seus usos e funções. E não a partir da leitura de textos “forjados” como os presentes nas “cartilhas tradicionais”¹.

Nesse sentido, buscamos identificar as concepções a respeito das práticas de leitura e escrita na Educação Infantil, e verificar como se desenvolve tais práticas de ensino numa turma de Educação Infantil. A pesquisa foi realizada em uma escola que é referência em Educação Infantil. A turma pesquisada foi o maternal “C”, a faixa etária dos alunos é entre 3 e 4 anos. A professora é efetiva, formada em Pedagogia com especialização em Psicopedagogia e atua na Educação Infantil há 10 anos. Foram realizadas 8 visitas na escola campo de estudo para a coleta de dados, que ocorreu no período entre 06 de outubro e 24 de novembro de 2015, através de uma entrevista semiestruturada e observação participante.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As propostas de Emília Ferreiro sobre a aquisição da linguagem escrita demonstraram a existência de mecanismos presentes no sujeito que aprende, esses mecanismos surgem da interação com o sistema escrito, assim o educando interpreta o que recebe transformando a escrita convencional e produz “escritas estranhas ao adulto”. Essas escritas são do ponto de vista de Ferreiro (1985, p.25): “[...] aplicações de esquemas de assimilação ao objeto de aprendizagem; são formas de interpretar e compreender o mundo das coisas. Existe um sujeito que conhece e que para conhecer emprega mecanismos de aprendizagem”.

Na concepção de Ferreiro o educando assume o papel de um sujeito ativo na interação com os objetos da realidade. Nessa perspectiva, valoriza-se também as histórias ouvidas e contadas pelas crianças, bem como as tentativas de escrever seus nomes e bilhetes. Ferreiro defende que:

¹ Estamos chamando de “cartilhas tradicionais” aquelas baseadas nos métodos sintéticos (silábicos ou fônicos) ou analíticos.

[...] essas atividades assumem grande importância no processo, pois são geradoras de espaço para a descoberta dos usos sociais da linguagem - que se escreve. É importante colocar a criança em situações de aprendizagem, em que possa utilizar suas próprias elaborações sobre a linguagem, sem que se exija dela ainda o domínio das técnicas e convenções da norma culta (FERREIRO, 1985, p. 31).

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998), percebemos que é fundamental proporcionar a criança o contato com diversos tipos de textos, porque é a partir desse contato que ela começa a construir suas primeiras hipóteses acerca da linguagem escrita. A partir de gêneros textuais que fazem parte da realidade da criança, o professor tem a possibilidade de desenvolver um trabalho de reflexão fonológica, que pode contribuir para que a criança avance no processo de aprendizagem da leitura e escrita.

A aprendizagem da linguagem escrita está intrinsecamente associada ao contato com textos diversos, para que as crianças possam construir sua capacidade de ler, às práticas de escrita, para que as crianças possam desenvolver a capacidade de escrever autonomamente. A observação e a análise de produções escritas revelam que elas tomam consciência, gradativamente, das características formais dessa linguagem (BRASIL, 1998, p. 128).

Considerando que as crianças mesmo antes de entrar na escola já começam a construir ideias provisórias sobre o sistema da escrita, é necessário que o professor possa considerar os conhecimentos prévios que elas possuem. Segundo o RCNEI (1998), as hipóteses elaboradas pela criança em seu processo de construção dependem do grau de letramento do seu ambiente social, ou seja, da importância que tem a escrita no meio em que vive e das práticas sociais de leitura e escrita que pode presenciar e participar. Vale ressaltar que no ambiente familiar algumas crianças podem ter acesso limitado a experiências de leituras e escritas por diversos motivos, então ao ingressar na Educação Infantil essas experiências podem ser ampliadas, pois, é muito importante para o desenvolvimento da consciência fonológica que a criança tenha acesso à cultura escrita.

Segundo Capellini & Ciasca (1999); Zorzi (2000); Moojen & Santos (2001) o termo consciência fonológica significa a percepção de que as palavras são constituídas por diversos sons ou grupos de sons e que elas podem ser segmentadas em unidades menores. A consciência fonológica pode ser considerada também como uma habilidade que se desenvolve

com o processo de aprendizagem e é fundamental para auxiliar a criança no desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Ferreiro ressalta como a consciência fonológica é adquirida:

Desde pequenos, participamos naturalmente de jogos em que cada sílaba corresponde a uma palma, por exemplo. A única divisão que não surge naturalmente no desenvolvimento é em unidades menores que uma sílaba, ou seja, em fonemas. Um adulto analfabeto e uma criança analfabeta não conseguem fazer isso de maneira espontânea. Quando eu adquire a linguagem oral, tenho uma certa capacidade de distinção fônica, senão não distinguiria pata de bata (Ferreiro, 2003, p. 28).

Para estimular o desenvolvimento dessa habilidade na Educação Infantil o professor pode realizar atividades lúdicas respeitando a faixa etária de cada criança, como músicas, jogos orais, cantigas de roda, poesias, rimas, parlendas, trava-língua, com intuito de promover o desenvolvimento da consciência fonológica. A aprendizagem da linguagem oral e escrita na Educação Infantil deve promover na criança conhecimentos que permitam criar, interpretar e viver os mais variados tipos de edificação de uma identidade autônoma, e que sejam delongados de forma lúdica e prazerosa.

A criança precisa despertar-se para os aspectos sonoros da fala e da escrita, a mediação do professor deve conduzir as crianças a refletirem sobre as palavras dentro do contexto da sala de aula, utilizando as situações vivenciadas por elas, para favorecer sua aprendizagem. As brincadeiras, os jogos, a música, a dança, passeios na escola ou fora dela são recursos que podem ser explorados na Educação Infantil e podem favorecer uma aprendizagem significativa para as crianças dessa faixa etária. Segundo Morais (2012) atividades utilizando esses recursos podem ser associadas às práticas de leitura e produção de textos, no cotidiano escolar. Essa prática permite ao professor explorar as dimensões sonoras e gráficas da palavra, mas sem que sejam treinadas a memorizar e copiar as famílias silábicas. Aquino (2007) também afirma que, na Educação Infantil explorar atividades fonológicas pode favorecer o processo de apropriação do sistema de escrita alfabética.

De acordo com Aquino:

A capacidade de refletir sobre os sons da fala e identificar seus correspondentes gráficos é extremamente necessária no período inicial do desenvolvimento da leitura e da escrita, ou seja, a consciência fonológica pode ser encarada como um facilitador

para a aquisição da escrita e precisa ser contemplada em diferentes atividades (jogos, leitura e exploração de textos rimados, etc.) desde a Educação Infantil. (AQUINO, 2007, p. 06)

Outro recurso que pode favorecer a aprendizagem da leitura e escrita na Educação Infantil é o contato da criança com os livros e com a leitura narrada ou escrita. Através da prática de contar histórias o professor poderá dar início a atividades com a oralidade, desenvolvendo dessa forma o trabalho com o pensamento e a linguagem. Para o pensador Vygotsky, (1997) existem duas características específicas da linguagem, que são o intercâmbio social, responsável por proporcionar a comunicação entre as pessoas e outro tipo de linguagem, e o generalizante, esse por sua vez é responsável por ordenar o real para o instrumento do pensamento. Para que os momentos de contação de histórias possam contribuir para a aprendizagem da leitura e escrita é preciso que o professor planeje a promoção desses momentos em sala de aula, pois, um espaço planejado e criativo fará com que as crianças participem e prestem mais atenção nas histórias contadas. O professor pode explorar a história narrada realizando perguntas para que as crianças possam pensar sobre a história, aprender a identificar os personagens, o cenário, o enredo, desenvolvendo assim sua capacidade de compreensão e interpretação do texto narrado ou escrito.

A prática de contar histórias na Educação Infantil, segundo Aquino permite que:

[...] através da leitura do professor ou de outra pessoa alfabetizada as crianças adquirem um conhecimento sobre a linguagem que se escreve e sobre os diferentes gêneros textuais, antes mesmo de estarem alfabetizados, e é esse conhecimento que a escola precisa promover e que muitos ainda não priorizaram, porque, queiram ou não, continuam reduzindo a noção de alfabetização ao aprendizado do sistema de escrita alfabética (AQUINO, 2007, p. 04).

Os estudos de Ferreiro (1985) ressaltam que, envolver a criança num ambiente rico em experiências de leitura e escrita favorece o desenvolvimento dessa habilidade, a interação com materiais escritos permite que elas possam reelaborar suas hipóteses de escrita. De acordo com Morais (2012) o professor não deve forçar a alfabetização aos cinco anos de idade, mas “as crianças podem ser ajudadas a desenvolver uma série de conhecimentos sobre aspectos conceituais e convencionais da escrita alfabética” (MORAIS, 2012, p. 117-118).

METODOLOGIA

A abordagem metodológica do estudo aponta para uma pesquisa qualitativa no processo de compreensão da realidade, Lüdke e André (2012). Para efetivação dos objetivos propostos optamos realizar a coleta de dados em uma escola Municipal de Garanhuns-PE que fosse referência em Educação Infantil e que a professora fosse funcionária efetiva da rede pública municipal, com formação em Pedagogia. Foram realizadas 8 visitas num período de dois meses, para observar como a professora desenvolve as práticas de ensino da leitura e escrita na turma pesquisada. Participaram da pesquisa 22 crianças, na faixa etária de 3 á 4 anos. A professora da turma atua no município há mais de 10 anos, formada em Pedagogia com especialização em Psicopedagogia. Utilizamos como procedimento metodológico a observação participante e entrevista semiestruturada. Realizamos uma entrevista semiestruturada com a professora no início das observações para identificarmos suas concepções sobre as práticas de leitura e escrita desenvolvidas na Educação Infantil, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. A entrevista semiestruturada é aquela que se desenrola a partir de um esquema estabelecido previamente e que permite ao entrevistador adaptações ao longo do processo.

Ludke e André (2012) afirmam que:

[...] a entrevista pode permitir o aprofundamento de pontos levantados por outras técnicas de coleta de alcance mais superficial, como o questionário. E pode também [...], atingir informantes que não poderiam ser atingidos por outros meios de investigação, como é o caso de pessoas com pouca instrução formal [...] a entrevista permite, correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção da informação desejada (LUDKE & ANDRÉ, 2012, p. 34).

A coleta de dados se referendou em observações diretas da prática da professora e das ações das crianças, para compreender como ocorrem as práticas de ensino da leitura e escrita em uma turma de Educação Infantil. As observações das aulas foram realizadas uma vez por semana durante um período de dois meses totalizando no final da pesquisa 8 visitas, as aulas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas. Segundo Lüdke e André (2012, p. 25) “a observação permite que o observador chegue mais perto da perspectiva dos sujeitos, um

importante alvo nas abordagens qualitativas”. As autoras ressaltam que a observação precisa ser sistematizada, isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho.

PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA DESENVOLVIDAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para sistematizar as observações realizadas em cada aula, elaboramos um protocolo de aula semelhante ao que fizeram Albuquerque, Ferreira e Moraes (2006), que serviu de base para categorizarmos as atividades da professora nos seguintes eixos: atividade de rotina e atividades de Apropriação do Sistema de Escrita Alfabético (SEA), com o objetivo de analisarmos a prática da professora na mediação das atividades de leitura e escrita que são desenvolvidas na educação infantil.

A professora acreditava que o ensino da leitura e escrita na Educação Infantil necessita acontecer de forma lúdica respeitando os interesses próprios da faixa etária da criança, ela considerava importante ensinar através de jogos, brincadeiras, segundo a professora, assim, a criança se deixa envolver e realmente aprende.

Ela acreditava também que, a criança já chega à escola com conhecimentos prévios e hipóteses em relação à leitura e escrita de palavras e que esses conhecimentos não podem ser ignorados, mas que devem servir de base para que possam avançar no processo de aprendizagem da leitura e escrita. Ao questionarmos se ela trabalhava com gêneros textuais, ela afirmou que trabalhava com músicas, poesias, histórias infantis, filmes, dramatização tomando por base a proposta pedagógica da rede. A professora afirmou que considerava muito importante explorar diferentes tipos de textos, porque permite que a criança aprenda palavras novas e que conheça textos compostos por estruturas diferentes com que vão se familiarizando.

Durante o período de pesquisa observamos que o ambiente da sala de aula apresentava elementos textuais estimulantes para o desenvolvimento da leitura e escrita. Percebemos na decoração da sala cartazes com calendário ilustrado, chamada coletiva com placas móveis do nome da criança, alfabeto ilustrado e um painel em que a professora diariamente descreve a

rotina, para situar a criança nas atividades que vão desenvolver durante a aula. As atividades realizadas pelas crianças são expostas nas paredes da sala, consideramos que isso indica a apreciação do trabalho desenvolvido pelas crianças, é importante porque a criança percebe que a professora valoriza suas produções e pode se sentir estimulada a se empenhar mais no desenvolvimento de suas atividades. Segundo Ferreira (1985) envolver a criança em um ambiente estimulante para práticas de leitura, pode contribuir para o desenvolvimento da habilidade de leitura e escrita, pois a interação da criança com materiais escritos permite que elas possam reelaborar suas hipóteses de escrita.

Diariamente a professora iniciava a aula cantando alguma música infantil. Depois ela solicitava que as crianças marcassem o dia da semana, a data e o mês do ano, no calendário móvel que havia confeccionado e fixado na parede. Para marcar o dia da semana e a data a professora colocava um desenho de acordo com o tempo. Para realizar a chamada a professora distribuía fichas sob o seu birô com os nomes das crianças e pedia que uma a uma viesse ao birô para identificar o seu nome e colocar em um quadro de pregas. Depois realizava em voz alta com as crianças a leitura do alfabeto ilustrado que ficava fixado na parede, essa leitura era feita de forma aleatória, à medida que eles identificavam determinada letra, relacionavam ao nome da criança que iniciava com a letra indicada.

No trabalho envolvendo leitura de textos a professora pedia que todos sentassem no chão em formato de círculo e para contar a história eram utilizados recursos variados como, fantoches, livro com imagens em 3D, livro sanfonado, flanelógrafo e etc.. Muitos dos materiais utilizados nas aulas observadas foram confeccionados pela própria professora, pois, como a escola municipal não dispõe de muitos recursos é necessário improvisar e criar para mostrar as crianças que existem muitas formas de se ver, ouvir e sentir uma história. Coelho (2000, p. 20) enfatiza que “[...] a leitura diária na primeira infância permite as crianças o contato com a linguagem formal dos livros e textos escritos e as motiva para aprendizagens posteriores”.

Durante a leitura da história a professora permitia que as crianças intervissem com perguntas, quando as crianças não perguntavam, ela mesmo questionava, por exemplo, num momento de suspense da história ela perguntava: *E agora o que vocês acham que vai*

acontecer? Quando algo acontecia com o personagem principal da história ou com outros personagens, ela perguntava: *Porque vocês acham que isso aconteceu com ele (o nome do personagem)?* A cada história que contava ela realizava intervenções antes, durante ou depois da história. Em conversas informais, a professora relatou que considera importante explorar a história realizando perguntas para detectar se estão compreendendo a história, além de ser uma oportunidade da criança se expressar e expor as suas ideias. Consideramos que essa intervenção é importante para desenvolver a capacidade de compreensão e interpretação do texto narrado e pode contribuir também para o desenvolvimento da oralidade. A prática de contar histórias na Educação Infantil, segundo Aquino permite que: “[...] através da leitura do professor [...] as crianças adquirem um conhecimento sobre a linguagem que se escreve e sobre os diferentes gêneros textuais, antes mesmo de estarem alfabetizados [...]” (AQUINO, 2007, p. 04).

Além de histórias infantis a professora também trabalhava com outros tipos de textos, poesias, parlendas, rimas, textos informativos, receitas, etc. Ao utilizar esses textos à professora realizava intervenções, semelhante ao exemplo citado na contação de histórias, com o intuito de promover a leitura do texto com compreensão. Presenciamos também a realização de uma atividade para trabalhar com rimas, a professora trouxe uma poesia de Ana Maria Machado *Meu travesseiro*, escrita em cartaz e fixou na parede. Após a leitura realizou, algumas perguntas às crianças para que elas percebessem as palavras que rimam, por exemplo, no poema circulou a palavra *pijama* e com a ajuda da professora as crianças indicavam a palavra que rima com a que a professora circulou.

Depois da leitura ela realizava atividades, trabalhando os sons iniciais e finais das palavras que rimam. Reiteramos que tais práticas estão em consonância com as orientações do RCNEI (1998) no que diz respeito ao uso de gêneros textuais que fazem parte da realidade da criança, para desenvolver um trabalho de reflexão fonológica, que pode contribuir para que a criança avance no processo de aprendizagem da leitura e escrita. Aquino (2007) também afirma que, na Educação Infantil explorar atividades fonológicas pode favorecer o processo de apropriação do sistema de escrita alfabética.

Além de trabalhar com gêneros textuais, percebemos que em sua prática a professora buscava trabalhar o sistema de escrita alfabético com atividades significativas para a criança. Observamos uma aula em que, ela trouxe crachás com o nome de cada criança, espalhou na mesa e individualmente cada uma pegou seu crachá. As letras iniciais dos nomes estavam em destaque, e cada criança conseguiu identificar o seu nome. Essas atividades são importantes, porque são situações de leitura e escrita que segundo Ferreiro (1985), marcam a identidade da criança e por isso faz sentido para ela, além disso, fornece um repertório básico de informações que servirá de base para que possa construir novas escritas.

No momento seguinte ela utilizou o alfabeto móvel (construído com tampas de garrafa pet e coberto com emborrachado), para a criança montar o seu próprio nome, depois tentar escreve-lo. Mais uma vez observamos na aula ministrada pela professora o lúdico sendo utilizado como um instrumento facilitador da aprendizagem. A professora proporcionou situações diversificadas para que a criança pudesse identificar e relacionar as letras do alfabeto com as letras do próprio nome. Dessa forma possibilitou à criança a oportunidade de construir o seu conhecimento, diferente da aprendizagem tradicional que traz o conhecimento pronto apenas para que a criança reproduza.

Podemos observar também a utilização de jogos que mobilizam a linguagem oral e escrita, nas aulas ministradas pela professora observamos a realização de um jogo da memória, composto por algumas cartas com as vogais e outras com gravuras de objetos que iniciam com as vogais.

O jogo se desenvolveu da seguinte forma:

Jogo da memória:
Cartas azuis com vogais e cartas amarelas com objetos que iniciam com as vogais e seus respectivos nomes escritos abaixo do objeto na carta.
Uma das crianças escolheu uma carta com a letra A e outra carta com a imagem do elefante e com o nome escrito.
Professora: Que nome tá escrito na carta?
Criança: Elefante

Professora: Com que letra começa a palavra elefante?

Criança: Com a letra E.

Professora: A letra E corresponde a letra da cartinha que você virou.

Criança: Não! A letra da cartinha é diferente da letra E de Elefante.

Professora: E qual é a letra da cartinha, você sabe?

Criança: Letra A de Amanda (nome da coleguinha da sala).

A professora conduziu a situação didática de forma que a criança conseguisse associar se a inicial do objeto da figura correspondia a vogal da carta escolhida.

Percebemos que a professora confeccionou o jogo de acordo com o nível de escrita das crianças conforme Ferreiro (1985). Ela escolheu trabalhar com as vogais, com palavras simples e com imagens, para que a criança pudesse estabelecer relações entre a imagem e a representação escrita de seu significado. A mediação da professora ao questionar a criança e ler a palavra em voz alta e pausadamente, foi fundamental porque ajudava a criança a identificar o valor sonoro das letras. Para Morais (2012) explorar jogos que explicitamente, foram concebidos para fazer as crianças brincar com as palavras, contribui para que elas possam compreender as relações entre as partes orais e escritas das mesmas.

Morais (2012) ainda afirma que atividades utilizando esses recursos podem ser associadas às práticas de leitura e produção de textos, no cotidiano escolar. Essa prática permite ao professor explorar as dimensões sonoras e gráficas da palavra, mas sem que sejam treinadas a memorizar e copiar as famílias silábicas. Para Campos (2002) as atividades lúdicas despertam a atenção do aprendiz e facilitam a aprendizagem. O lúdico é um elemento que deveria está sempre presente nas aulas ministradas para crianças, principalmente, na Educação Infantil. Além disso, Campos (2002) também afirma que, a ludicidade é uma forma de aprendizagem que propõe aulas menos repetitivas, desafiadoras e prazerosas estimulando a participação ativa do aprendiz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da pesquisa, constatamos que as práticas de ensino da leitura e escrita desenvolvidas pela professora na turma pesquisada visavam envolver a criança no processo de ensino e aprendizagem. Percebemos que sua prática de ensino dialoga com as concepções inicialmente apresentadas durante a entrevista. A professora acreditava que o ensino da leitura e escrita na Educação Infantil deve acontecer de forma lúdica respeitando os interesses próprios da faixa etária de cada criança. Ela considerava importante ensinar através de jogos, brincadeiras, trabalhando com atividades de leitura e escrita significativas para a criança. Em suas aulas constatamos uma preocupação em trabalhar textos que fazem parte do universo infantil e por meio deles explorar as características do gênero trabalhado. Utilizava também recursos lúdicos que possibilitavam a interação da criança nas aulas. E através desses recursos ela desenvolvia constantes atividades de análises fonológicas, essa prática na Educação Infantil é fundamental porque pode influenciar de forma positiva no processo de apropriação da escrita pelas crianças.

As atividades de rotina desenvolvidas na aula, como a chamada coletiva, as marcações diárias no calendário móvel e as exposições de textos em cartazes fixados nas paredes. São elementos significativos, para a criança compreender dentro do contexto da sala de aula, os usos e funções da escrita alfabética no cotidiano escolar.

Nos momentos de leitura de textos infantis, as intervenções realizadas pelas crianças e pela própria professora, além de estimular a capacidade de compreensão do texto, possibilita também o desenvolvimento da oralidade. Pois, no momento em que a criança tem a oportunidade de se expressar, ela pode ampliar seu repertório vocabular à medida que busca palavras para expor suas ideias em relação ao texto. Ao ouvir histórias a partir de diferentes gêneros textuais, a criança aprende palavras novas e conhece textos compostos por estruturas diferentes com que vai se familiarizando.

Durante as observações a professora trabalhou com gêneros textuais diferentes, atividades significativas para a criança, como a escrita do nome próprio em diversas situações e atividades utilizando jogos que mobilizam a linguagem oral e escrita. Esses recursos

serviram de base para a professora mediar atividades que possibilitavam a criança, a percepção dos aspectos fonológicos das palavras. A prática de ensino da leitura e escrita que explora as atividades de consciência fonológica pode contribuir para o avanço das crianças no processo de apropriação do sistema de escrita alfabético.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, E. et al. **A aprendizagem do sistema de Escrita Alfabética: o efeito de diferentes práticas de ensino no Brasil.** ANPED. GT: Alfabetização, Leitura e Escrita, 2006.
- AQUINO, R. B. **O trabalho com consciência fonológica na educação infantil e o processo de apropriação da escrita pelas crianças.** ANPED. GT: Alfabetização, Leitura e Escrita, 2007. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt10-4998-int.pdf>>. Acesso em: 07 fevereiro 2017.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEB, 2010.
- CAMPOS, L. M. L. **A produção de jogos didáticos para o ensino de ciências e biologia: uma proposta para favorecer a aprendizagem.** UNESP, 2002. Disponível em: <www.passeidireto.com/arquivo/20995007/a-producao...>. Acesso em: 28 maio 2016.
- CAPELLINI, S.A. et al. **Aplicação da Prova de Consciência Fonológica (PCF) em escolares com dificuldade na leitura.** Jornal Brasileiro de Fonoaudiologia, 1999.
- COELHO, N.N. **Literatura infantil: teorias, análise, didática.** São Paulo. Moderna, 2000.
- FERREIRO, E. et al. **A Representação da Linguagem e o Processo de Alfabetização.** México: Do Departamento de Pesquisas Educacionais, Centro de Pesquisas e de Estudos Avançados do Instituto Politécnico Nacional, 1985.
- FERREIRO, E. **Alfabetização e cultura escrita.** Revista Escola, 2003.
- LÜDKE, M. et al. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo: EPU, 2012.
- MOOJEN, S. et al. **Avaliação metafonológica: resultados de uma pesquisa.** Letras de hoje, Porto Alegre, v.36, n.03, p.61-79, 2001.
- MORAIS, A. G. **Sistema de escrita alfabética.** São Paulo: Melhoramentos, 2012.
- OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 1997.
- OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio - histórico.** São Paulo: 4 ed. Scipione, 2004.
- REGO, T. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Petrópolis: Vozes, 2003. [1987].
- ZORZI, J.L. **Consciência fonológica, fases de construção da escrita e sequência de apropriação da ortografia do Português.** In: MARCHESAN, I.Q., ZORZI, J.L. Anuário Cefac de Fonoaudiologia. São Paulo: Revinter, 1999/2000.